

Gabriela Levy*

#Ódio(s)

O exterior, o objeto, o odiado seriam sempre idênticos no início. Se depois o objeto se revela fonte de prazer, ele será amado, mas também incorporado ao Eu, de modo que para o Eu-prazer purificado o objeto coincide novamente com o alheio e odiado.

Freud (1915)¹

A reflexão de Freud sobre o ódio perpassa tanto suas teorizações relativas à constituição do psiquismo, quanto seus escritos ditos “sociológicos”. O entrelaçamento deste conceito entre o individual e o coletivo, o psíquico e o cultural, faz dele, portanto, uma chave privilegiada para a compreensão das novas modalidades de mal-estar na contemporaneidade.

Freud postula que o objeto nasce numa relação de ódio primordial dirigida ao mundo exterior. Odeia-se assim, com intenção de destruir tudo o que, alheio, aparece como fonte de excitação e de desprazer. Este ódio característico da formação do psiquismo mantém-se, contudo, no âmago do *eu* podendo ser atualizado no encontro posterior com um outro-estranho considerado hostil. Neste contexto, “odeia-se diante da constatação da alteridade ameaçadora do outro, da exigência de reordenamento narcísico e do mal-estar advindo da experiência do encontro com o exterior” (Bir-

man, Souza e Rodolfo, 2014, p.168). Por outro lado, no plano da cultura, enquanto remanescente da culpa pela hostilidade ao pai, o ódio situa-se também, segundo Freud², na origem da lei simbólica e do laço social. Deste modo, apesar de se manter enquanto marca ativa, o ódio ficaria contido através da renúncia pulsional baseada nos interditos culturais³.

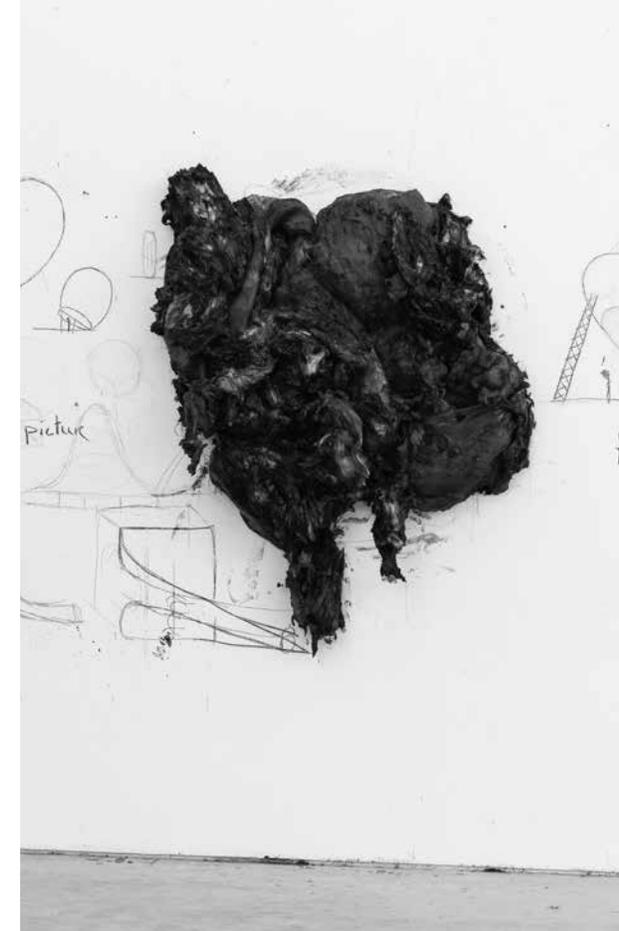
Na pós-modernidade ocidental, com o declínio das grandes narrativas de legitimação⁴ e dos valores democráticos, assistimos a um crescente enfraquecimento desta contenção cultural do ódio. Assim, a erosão dos quadros e normas sociais coletivas, e a consequente expansão do hiperindividualismo, bem como a injunção permanente à auto-definição e reafirmação performática do *eu*⁵ parecem abrir uma brecha ou, mais ainda, dar funcionalidade a uma certa reedição do ódio primordial. Observamos, de fato, uma exacerbação de discursos e práticas de violência e intolerância às diferenças no campo social que configura um desafio à psicanálise na atualidade tal como o foi para Freud em seu tempo.

Este é o tema central dos trabalhos que compõem o presente *Dossiê: Figuras da in-*

tolerância. Neles se destaca também o papel fundamental das redes sociais como difusor e amplificador do ódio e da correlata constituição de identidades fragmentadas enraizadas em comunidades de “idênticos” que compartilham “violentas paixões”⁶ e recorrem à intolerância ao Outro, ao diferente, à alteridade.

Abrimos este conjunto de trabalhos com o texto “Discursos do ódio e mercados da crueldade”, de Ezequiel Ipar. Neste artigo, Ipar parte justamente de conceitos freudianos como pulsão de morte, sado/masochismo, ódio às pequenas diferenças, identificação agressiva, entre outros a fim de pensar esta recrudescência do ódio e da crueldade na atualidade. Seu texto destaca assim como migrantes, negros, minorias étnicas, LGTBIQ, mulheres, ou seja, todos aqueles catalogados como diferentes funcionam como objeto do ódio nos discursos (Twitter?) autoritários de lideranças populistas-nacionalistas nas quais se oferece ao público uma imagem/miragem de um suposto “Eu-não-danificado que goza enquanto exhibe diante de todos sua pretensa onipotência”.

Este tema da rejeição à diferença é retomado na sequência pelo artigo de Carla Rodrigues: “Misoginia, feminicídio, racismo, punitivismo: alguns significantes da violência contra as mulheres”, que trata da crucial questão do ódio ao feminino. Partindo de um célebre e mediático



caso de feminicídio no Brasil dos anos 1970, a autora analisa as narrativas subjacentes aos significantes presentes nos discursos de violência contra as mulheres. Carla Rodrigues passa a propor então a hipótese de uma “misoginia estrutural” pensada como raiz da aversão e do ódio ao feminino -não apenas à mulher em si, mas contra todos os corpos desviantes da heteronormatividade. Pensar esta necessidade de uma “forclusão do elemento feminino” como traço diferencial perturbador, permite, assim, “ampliar a perspectiva da violência contra a mulher para além da relação heteroafetiva para indicar que existe uma autorização, ainda que velada, para toda forma de violência a todo corpo que afirma a sua marca feminina”.

A imagem de recentes protestos globais contra políticas radicais restritivas dos direitos reprodutivos femininos, mimetizando as personagens de um romance distópico - adaptado em série de televisão – as escravas reprodutoras de “O conto da Aia” de M. Atwood,

* Asociación Psicoanalítica de Uruguay.

1. N.do T. : Tradução de P. C. de Souza. A tradução corresponde à p.76 de: Freud, S. (2010) *Os instintos e seus destinos* Em P.C. de Souza (trad.), *Obras completas* (vol. 12) São Paulo, Cia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915).

2. Ver *Totem e tabu*, Freud (1913 [1912-13]/2003).

3. Ver, por exemplo: Freud (1927/2004, p.7, p.11; 1930 [1929]/2004a, p.111).

4. Ver Jean-François Lyotard, 1979.

5. Ver os trabalhos de Alain Ehrenberg (2000, 2012).

6. Usando a expressão de David Hume.

(1985/2006) -, abre o artigo “O longo eco das distopias” de Luciana Coelho. A partir desta e de outras ressonâncias literárias sobre a exacerbação contemporânea dos populismos totalitários, dos conflitos identitários e das polarizações político-religiosas, a autora interroga o papel dos novos instrumentos de comunicação em massa, sobretudo das redes sociais e dos aplicativos de mensagens, como motor de insulamento radical em comunidades de semelhantes, blindadas a alteridades e movidas pelo ódio ao Outro.

Os hábitos de uso das mídias participativas digitais constituem também o foco de análise de Nathalie Paton no texto “Radicalização: uma consequência das injunções à individuação?”. Porém, neste artigo, a autora versa sobre os processos atuais de radicalização entre jovens, como o jihadismo ou os ataques a tiros em escolas (*school shooting*). Inscrevendo-se assim na linha de trabalhos que investigam os processos contemporâneos de individuação frente ao declínio institucional e à constante injunção à auto-construção de identidades pessoais, a autora mostra como nestes casos extremos de violência há uma busca exacerbada pela construção identitária individual apoiada em comunidades digitais baseadas no ódio e rejeição do diferente. Nesse contexto, o processo de radicalização habilitaria seus autores a um processo paradoxal de individuação no qual estes “anti-sujeitos” passam a constituir-se, mesmo que postumamente, como celebridades midiáticas.

Ainda nesta linha da violência mediada como vetor de construção identitária, fechamos este *Dossiê* com o texto de Pablo Alabarces, “Uma teoria geral do *tamo junto*”, que nos traz interessantes elementos para entender as conturbadas paixões coletivas suscitadas pelo futebol. Através de uma etnografia das torcidas organizadas (“barras brava”), Alabarces busca destrinchar, a partir do ponto de vista dos interessados, a lógica subjacente à violência nestes grupos, o que designa como “lógica do *tamo junto*”. Esta lógica gira, segun-

do a autor, - aliás como em várias das situações discutidas neste *Dossiê* - em torno a uma forte retórica de metáforas sexuais (que fazem lembrar a “misoginia estrutural” proposta por C. Rodrigues) e de práticas violentas, onde se constrói e se fortalece, diante do palco mediático amplificador da televisão, um “nós” valorizado face a um outro semelhante (torcida adversa) odiado e inferiorizado.

Referências

- Atwood, M. (2006). *O conto da aia*. Rio de Janeiro: Rocco. (Trabalho original publicado em 1985).
- Birman, J., Souza, M. L. R. y Rodolfo, R. (2014). O ódio necessário. *Percursos*, 52, 168-170.
- Ehrenberg, A. (2000). *La fatigue de soi: Dépression et société*. Paris: Odile Jacob.
- Ehrenberg, A. (2012). *La société de malaise*. Paris: Odile Jacob.
- Freud, S. (2003a). Pulsiones y destinos de pulsión. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2003b). Tótem y tabú. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 13). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1913 [1912-1913]).
- Freud, S. (2004a). El malestar en la cultura. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929]).
- Freud, S. (2004b). El porvenir de una ilusión. Em J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927).
- Lytard, J.-F. (1979). *La condition postmoderne*. Paris: Les Éditions de Minuit.

Ezequiel Ipar*

Discursos do ódio e mercados da crueldade

Que somos contemporâneos de Freud deveria ser, a esta altura, uma trivialidade. Suas descobertas científicas continuam a iluminar as análises mais diversas em termos de disciplinas e tradições teóricas que adotam como objeto problemático a vida do sujeito individual e coletivo. No entanto, essa descoberta volta a se mostrar surpreendente e perturbadora a cada vez que voltamos a descobrir em uma época turbulenta e obscura da história o significado concreto dessa atualidade de Freud. Pensemos por um momento nos textos que Freud escreveu ao final da sua carreira, esses que vão desde *O problema econômico do masoquismo* (Freud, 1924/1986b), passando por *O mal-estar na cultura* (Freud, 1930 [1929]/1986a) até chegar ao seu grandioso *Moisés e o monoteísmo* (1938/1986c). Esses textos nos orientam em modelos de análise que contemplam de um modo privilegiado um mundo contemporâneo no qual reemerge a xenofobia no contexto de crises econômicas, o racismo se desdobra em nossa cultura em diversas formas e se expande o uso ideológico do nacionalismo agressivo, a fobia LGTBIQ e a violência de gênero. Todos esses fenômenos sociais (e políticos), que contêm uma dimensão psíquica ineludível para a sua explicação, requerem ser abordados com conceitos que Freud nos legou: pulsão de morte, sadismo (e masoquismo), ódio às pequenas diferenças culturais, identificação agressiva, efeito de massa etc.

Em outro plano, essa mesma atualidade chega por conta dos grandes acontecimentos políticos. Nesse caso, fica difícil não reconhecer a vigência do diagnóstico de Freud que associava as pulsões agressivas com a paranoia e um tipo muito particular de narcisismo. Para salientar essa outra atualidade de Freud, só devemos colocar sob análise alguns fragmentos do discurso atual do presidente do país mais poderoso do mundo, que teria de observar princípios de racionalidade e responsabilidade pela capacidade de destruição com que conta o Estado que governa. Só no último ano, Trump nos ofereceu centenas de discursos sintomáticos. Vou citar apenas dois momentos desses discursos que aparecem com enorme frequência em suas contas oficiais nas redes sociais. No primeiro discurso que me interessa propor, Trump (7 de outubro de 2019) afirmou: “Se a Turquia fizer algo que eu, em minha grandiosa e inigualável sabedoria, considere além dos limites, vou destruir totalmente e obliterar a economia da Turquia (já fiz isso antes!)”. Nessa passagem, a relação entre narcisismo, paranoia e pulsões agressivas aparece praticamente na superfície desse discurso público, que talvez em outro momento teria que ter se construído de um modo mais sutil e subterrâneo, ainda que, definitivamente, funcionasse dentro da mesma economia pulsional. No segundo fragmento, aparece mais claramente o problema que quero analisar aqui: me refiro à reemergência de um tipo de

* Professor na área de Teoria Sociológica na Universidad de Buenos Aires.